

A história contada de Ibitiara: Lembranças da seca de 32

Nadira Maria
Xavier Alves

Licenciada em História pela Faculdade de Tecnologia e Ciências da Bahia, especialista em Metodologia de Ensino e Pesquisa na Educação em História e Geografia. Professora da Escola Municipal Professora Maria Eulice de Menezes Porto

Fabiana dos Anjos
Barreto Matos

Graduanda em Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Recebido: 03/08/2021
Aprovado: 29/11/2021

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo colher a memória de idosos de Ibitiara a respeito da Seca de 1932 e seus impactos econômico-sociais na população. A pesquisa nasce a partir da necessidade da preservação da história oral local e pretende tensionar a continuidade destas narrativas, a fim de que exista posterior material de registro histórico, ao mesmo tempo em que narra as impressões individuais de pessoas cidadãs do município, cujas experiências e saberes se tornam fontes importantes de investigação acerca do referido tema. Além de se apoiar na oralidade dos entrevistados, conta também com o pensamento histórico-crítico presente em autores como Ecléa Bosi (1994), Josué de Castro (1984) e Nadir Xavier de Andrade (2011).

PALAVRAS-CHAVE

Seca de 1932; História oral; Fome; Memórias.

Introdução

A história oral devolve a História às pessoas em suas próprias palavras e ao lhes dar um passado ajuda-as a caminhar para um futuro construído por elas mesmas, conforme traz Thompson.¹ Ela possibilita a interlocução dialógica, uma vez que dá chance para aqueles que não foram oportunizados a participar da História “oficial”.²

As entrevistas constituem um direcionamento para que as memórias não se percam com seus depoentes, uma vez que vivem em uma sociedade presentista, como traz Hobsbawm:

a destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.³

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é segundo Halbwachs excepcional.⁴ Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, tomando por base o pensamento de Ecléa Bosi.⁵ História Oral apoiando-se nas memórias de depoentes que viveram na época, ou por aqueles que não foram testemunhas oculares, mas que o flagelo lhes foi passado. Para Daiane Dantas Martins:⁶ o encontro com velhos parentes faz o passado reviver como um encontro que não encontraríamos na evocação solitária. Mesmo porque muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas, simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós.

O aporte teórico-metodológico desta pesquisa é composto pelas fontes orais, utilizou-se também dissertações, artigos e livros, com base principalmente em Nadir Xavier de Andrade; Ecléa Bosi, “Memória e Sociedade”; e, Josué de Castro, com “Geografia da Fome”.

1 Paul Thompson, *A voz do passado*, São Paulo, Paz e Terra, 1998, p. 337.

2 A palavra oficial aparece entre aspas porque existe uma valorização exacerbada da história pelo viés positivista a qual ignora diversidades e as vozes silenciadas por muitas décadas, tais como pessoas mais distantes das riquezas materiais e mulheres.

3 Eric Hobsbawm *Era dos Extremos: o breve século XX (1914 – 1991)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 13.

4 Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*. 2ªed. São Paulo: Centauro, 2013.

5 Ecléa Bosi. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2ªed. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 1987.

6 Daiane Martins, *Um Flagelo No Sertão Baiano: Cotidiano, Migração e Sobrevivência na Seca de 1932*. Dissertação (mestrado em História), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus-Ba, 2010.

Ao longo da história, a região Nordeste enfrentou o problema da seca, principalmente nas regiões do semiárido, marcadas pela escassez de alimentos e chuvas irregulares. A vegetação predominante é a caatinga, vocábulo Tupy-Guarany que quer dizer “floresta branca”.⁷ Josué de Castro relata que “[...] No solo ríspido e seco estouram as coroas de frade e os mandacarus eriçados de espinhos”.⁸

A pesquisa qualitativa centra-se na escuta de memórias a partir do relato oral coletado através de entrevistas em Ibitiara e povoados como São Domingos, Olhos D’água do Seco e Pau – Ferro, realizadas entre quinze de fevereiro à maio de 2020, reunindo idosos com idades acima de 80 anos de idade.

Breve História de Ibitiara

O município de Ibitiara faz parte da Chapada Diamantina. De acordo com a Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia (SEI), possui área territorial de 1.834,002km² e população estimada de 16.339 pessoas. Está incluída na região semiárida, o clima vai de subúmido a seco com uma temperatura anual de 21,6 °C e o período chuvoso ocorre de outubro a abril. Pluviosidade anual de 746mm. A vegetação predominante no município é caatinga arbórea aberta, sem palmeiras, floresta estacional, cerrado arbóreo aberto e caatinga arbórea densa, sem palmeiras. Sua economia local tem atuação centrada em agropecuária, comércio e serviços.⁹

Algumas espécies de vegetais nativos estão desaparecendo, na sede do município, como o quiabento, “um tipo de trepadeira que se desenvolve principalmente nas cercas de pedras e dificulta o acesso ao interior do quintal ou roça por causa dos espinhos que a planta tem”.¹⁰ Esta planta era utilizada em brincadeiras pelas crianças da década de setenta, uma vez que a folha era lisa, propriedade esta que proporcionava a invenção de um bordado em furinhos, feitos com o espinho da própria planta.¹¹

7 Josué de Castro, *Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984

8 Embrapa. *Caatinga abriga valiosa diversidade de seres vivos especialmente adaptados ao clima semiárido*. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/18708656/riquezas-da-mata-branca#:~:text=t%C3%A3o%20pouco%20conhecido.-,Mata%20branca%20%C3%A9%20o%20significado%20do%20nome%20Caatinga%2C%20dado%20pelos,uma%20estrat%C3%A9gia%20exemplar%20de%20sobreviv%C3%Aancia>. Acesso em: 20/06/20.

9 “Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia”. Disponível em: <<https://www.sei.ba.gov.br/2020>>. Acesso em: 20/05/20.

10 Nadir Xavier de Andrade, *O ontem e o hoje: Ibitiara estórias de nossa história*, São Paulo, Scortecci, 2011, p. 55.

11 Memórias da autora, Nadira Maria, da época de sua infância.

Segundo a Secretaria de Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri),¹² um dos vegetais mais usados na região Nordeste é a palma (*Opuntia ficus*), da família das cactáceas, usada na alimentação de animais no período da seca. Além disso, esse cactus é bem apreciado na gastronomia da Chapada Diamantina.

Uma das entrevistadas, Dona Cizinha,¹³ relata o uso da palma na alimentação nas épocas da seca:

apois ai nessas Caatinga, o tanto de gente que já passou fome. Um tempo veio uma moça que ficava ai na casa da finada tia Joana o era pura palma, lá tinha um cadas pesão de palma na baixa, era chiinha de palma. Ela vinha buscar, levava uma bacia de lavar roupa de palma. Ela dizia: ô Zinha, ela me chamava de Zinha, chegar lá é só freventar pra comer com sal, não tinha gordura não tinha nada e achava era bom.¹⁴

De acordo como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a História de Ibitiara iniciou-se nos fins do século XVIII, com a chegada de desbravadores portugueses que exploravam a terra em busca de ouro e pedras preciosas. Fixaram-se, a princípio em um reduzido povoado, o qual nomearam de Remédios. Tal fato sucedeu pela crença de que a água que ali jorrava da serra em abundância teria qualidades terapêuticas, o que constituía um verdadeiro tesouro para os bandeirantes cansados das viagens longas.¹⁵

Futuramente, o vilarejo iria progredir à categoria de município sob a denominação de Remédios de Rio de Contas. O Município de Remédios era composto por diversos lugarejos, dentre os quais, destacou-se o Arraial de Bom Sucesso, cuja área formava um sítio, obtido em 1854, por Francisco Xavier Gomes e João Rodrigues, em nome do Conde da Ponte, tendo o senhor Rodrigues Pereira de Castro como seu procurador.

Em 1925, aproximadamente, devido à intervenção de políticos influentes e à descoberta de jazidas de ouro na região, a sede do município foi transferida para “Bom Sucesso.” Uma vez que, o município recém-criado não possuía autonomia, isto é, não tinha recursos próprios para se manter, foi anexado ao município vizinho, Macaúbas.

Posteriormente, através do Decreto nº 8.830, de 2 de março de 1934, o município de Bom Sucesso restabeleceu sua autonomia. Devido a isso, tal data se caracteriza como

12 “Secretaria de Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura”. Disponível em: < <http://www.seagri.ba.gov.br/> > Acesso em: 18/05/20.

13 Dona Cizinha, Idalcisa Francisca da Silva, nascida em Bom Sucesso (Ibitiara) em dois de agosto de 1938, ainda domiciliada na referida cidade em 2021. Entrevista concedida em 04 de maio de 2020, com duração de quarenta minutos.

14 Nas descrições das falas dos entrevistados aparecem inúmeras palavras que diferem do padrão oficial da língua portuguesa, refletido os traços multiculturais brasileiros, dificuldade de acesso à educação formal, dentre os outros fatores. Optou-se então por transcrever as falas na íntegra.

15 Ibitiara. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ibitiara/historico>. Acesso em: 20/06/21.

o dia da emancipação política do município.

Em 1943, com o Decreto nº 141, de 31 de dezembro de 1943, Bom Sucesso foi nomeado como Ibitiara, nomenclatura de origem indígena que significa Ibi - terra, tiara - áurea, ou seja, ouro, significando assim, terra do ouro. Nas lembranças de seu Aurelino ele traz: “Foi um susto quando eu soube que “Bom Sucesso” como a gente chamava, agora era Ibitiara, soube que a mudança foi por causa da mineração de ouro, não tive maiores informações.”¹⁶

Fica evidente através deste relato, a suspeita de que as informações pertinentes ao município, não eram repassadas diretamente aos moradores, nem tão pouco estes possuíam direito à participação popular nas decisões que poderiam até mesmo impactar suas vivências. Assim, os habitantes ficavam alheios às mudanças econômicas e políticas que definiriam o futuro da cidade.

A escritora ibitiarense, Nadir Xavier de Andrade, na obra “O ontem e o hoje - Ibitiara Estórias de Nossa História” apresenta a repercussão da mudança da sede de Vila dos Remédios para Bom Sucesso de acordo com relatos orais:

Contam os mais velhos que isso gerou insatisfação dos coronéis de Remédios, provocando ameaça de invasão a Bom Sucesso (...) dizem que homens de Remédios vieram até o morro do Paiol com armas, a fim de revidar o que consideravam afronta- a mudança da sede do município. Dizem que políticos de realce no Coronelismo (e a favor de Bom Sucesso) Solicitaram a mudança ao governador da Bahia, àquela época J.J. Seabra justificando o pedido pelo crescimento econômico maior de Bom Sucesso.¹⁷

No que concerne ao contexto político, Vargas chega ao poder em 1930 permanecendo até 1945. Acerca de tal período, Felipe Marcelo¹⁸ escreve acerca do movimento de 30, com base nos escritos de Edgar de Decca,¹⁹ por outro viés isso porque em vez de focar sua análise no movimento revolucionário em si, o autor busca examinar tal como o título da sua obra sugere a produção das vozes dos “vencidos”, na historiografia efetivada pelas classes dominantes. Na Bahia percebe-se que políticos da oligarquia baiana deram apoio ao presidente da República Washington Luís até o fim, no entanto, quando viram a queda do governo federal, imediatamente passaram

16 Aurelino José de Almeida. Nasceu em 02 de setembro de 1924. Povoado de Macacos, Bom Sucesso (Ibitiara). Lavrador aposentado. Domiciliado em Ibitiara. Duração da entrevista: 30 minutos

17 Nadir Xavier de Andrade, *O ontem e o hoje: Ibitiara estórias de nossa história*, São Paulo, Scortecci, 2011, p. 49.

18 Felipe Cavalcante Marcelo, *Classe Dominante na “Revolução de 1930”: Análises de duas teses Historiográficas*. Monografia (especialização em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, 2018, p. 17.

19 Edgar de decca, *1930 - O silêncio dos vencidos*. 4ªed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.

apoiar os “vencedores”, não queriam perder as benesses que o Estado podia continuar proporcionando-lhes. Ana Luisa Araujo Caribé traz que é possível perceber essas permanências da História até os dias atuais de determinados partidos políticos que por não terem uma ideologia política partidária estão com quem pode oferecer vantagens.²⁰ Na Bahia, após muitas disputas políticas, é nomeado como interventor o cearense Juracy Montenegro Magalhães (1931-1937).

Já no município de Bom Sucesso (Ibitiara), segundo as análises de Nadir Xavier de Andrade, Tranquilino Joaquim dos Santos (1931-1939) foi o primeiro prefeito de Bom Sucesso.²¹ O sertão nordestino continuou esquecido pelo poder público, principalmente no tocante à questão da seca, a ausência de políticas públicas eficazes e assistência às pessoas, para a reversão do quadro da população em geral.

Nas falas dos depoentes, ao relatarem sobre migrações, fome, angústias, dificuldades e mortes, percebe-se claramente a ausência de auxílio e atenção por parte dos poderes públicos, governantes em geral, tanto no âmbito federal, estadual, municipal, na seca de 32, no município de Bom Sucesso. Nenhuma fala destacou qualquer ajuda governamental ou do prefeito do município, revelando que não havia sequer uma noção da necessidade de ajuda política a favor dos moradores. Esse fato certamente deixou as pessoas mais debilitadas e expostas às dificuldades ocasionadas pela seca.

D. Zizinha relata que o ano de 32 foi marcado por uma grande crise de fome que abateu todos os arredores da Vila, conforme seu relato:

A fome de 32 até hoje citada em prosa e versos foi uma das piores tragédias que se abateu sobre os sertões. Os alimentos escassaram de tal forma que muita gente sobreviveu comendo frutos assados de gravatá, planta do mato, com farinha de batata de umbuzeiro. Tentava enganar o estômago, porque matar a fome mesmo não matava. Várias famílias deixaram suas casas a procura de milhoro, mas se deram mal, muito mal. Quanta gente morreu? Quantas famílias perderam seus filhos. Muitos perderam, isso ai eu sei. Que tristeza ver corpos sendo sepultado envoltos em pedaços de esteiras, por não ter outro recurso. A causa morte, a fome sempre a morte. Esse negócio de esteira era no Açude de Macaúbas, porque hoje é, como é o nome lá do açude, menino? Açude de Macaúbas mesmo. De pra trás era, era Saco Grande no Açude. Morreu muita gente que eles tava fazendo o açude e morava em Remédios, mas fazendo aquele açude, morria gente um atrás do outro, de fome, né?²²

20 Ana Luisa Araujo Caribé de Araújo Pinho, *De forasteiro à unanimidade: ascensão política e Juracy Magalhães na Bahia no período de 1931- 1934*. ANPUR 25º Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009, p. 5-7.

21 Nadir Xavier de Andrade, *O ontem e o hoje: Ibitiara estórias de nossa história*, São Paulo, Scortecci, 2011

22 Eufrosina Dias Barbosa nasceu na Vila dos Remédios (Bom Sucesso) em 11-05 1926. Aposentada. Domiciliada na Praça Vital Xavier Gomes. Entrevista cedida a Nadira Alves em 05- 03 -2020. Duração da

O Seu Erasmo narra que houve mortes no município:

É... Morreu gente de fome um senhor que veio lá de baixo... Lagoa de Dionísio. Naquele tempo não tinha Lagoa de Dionísio... tinha lá um pessoal... .. umas duas casas lá... um pessoa que morava lá... vinha desse lado de lá... passou aí e chegou perto do Tamboril ele morreu aí... não aguentou ... Aí muita gente saiu daqui foi pra Estiva, aonde tinha fartura de coisa lá... mandioca tinha fartura de coisa lá... mandioca, né... muita gente foi pra lá, plantar mandioca e esperar essa criar...²³

De acordo com o relato do Sr. Didi, sua família migrou para Barra da Estiva “Por que tinha a fama de farinha, era terra de muita terra de muita farinha, nois foi pra lá...”²⁴ Ecléa Bosi tece reflexões acerca da importância dos mais velhos e sua sabedoria, têm muito a nos contar sobre suas memórias. A autora afirma: “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desvirtuamento das paisagens caras, pela desaparecimento dos entes amados, é semelhante a uma obra de arte.”²⁵

A história contada da seca

Na década de 30, a Bahia assim como praticamente todo o Nordeste, passava por um período de seca que gerou fome e necessidade, sobretudo para as pessoas menos abastadas. Daiane Alves Martins, na sua dissertação, fazendo referência à Graciliano Ramos, explica que:

Uma das principais semelhanças verificada é a caminhada a pé realizada pelas famílias que carregavam junto a alguns pertences os filhos e, assim como o personagem Fabiano, queriam viver e esperavam encontrar o caminho da

entrevista 1h.43minutos

23 Erasmo da Silva Araujo. Nasceu em 10 de março de 1940 (81 anos) em Olhos d' Água do Seco (Bom Sucesso). Domiciliado na Rua Principal.S/N. Entrevista cedida a Nadira Alves no dia 03 de março de 2020 com duração de 48 minutos.

24 Euclides Alves dos Anjos (Didi). Nasceu em Bom Sucesso em 05 de janeiro de 1925. (96 anos). Lavrador- aposentado. Domiciliado na Rua do Fogo Entrevista concedida a Nadira Alves em 21-04 1920. Duração da entrevista.30 minutos.

25 Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2ª ed. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 1987, p.41.

retirada, forças que permitissem seguir a vida para esperar o próximo “verde”. Muitos dos retirantes sonhavam como Fabiano e aguardavam, pois se chovesse bem a caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral.²⁶

Uma das secas mais cruéis foi a “Seca de 32”. O escritor e historiador baiano, Luis Henrique Dias Tavares, na sua obra “História da Bahia”, fala a respeito desse período: “o ano de 1932 foi a terrível seca no sertão baiano. Os açudes e os poços secaram, as lavouras se perderam e centenas de sertanejos deixaram suas roças e currais”.²⁷ Corroborando com o autor, Andrea Santos ressalta que:

A grande seca de 1932 na Bahia teve repercussão nacional. Naquela época o governo federal foi acionado, e ajuda que se conseguiu veio através da autorização das frentes de serviços, responsáveis pelas construções de estradas, açudes, e calçamentos na tentativa de amenizar o sofrimento do povo.²⁸

Durante a seca de 32, famílias de Bom Sucesso migraram em busca de melhores condições e só retornaram quando as chuvas chegaram. Seu Erasmo fala que “... aí muita gente saiu daqui foi pra Estiva...”.²⁹ No entanto, alguns resistiram à seca, principalmente as famílias mais abastadas. Uma das depoentes, que fazia parte desse grupo social, Dona Ditinha, relata:

quando era sexta feira ele comprava carga de rapadura e toda sexta-feira ele pegava um mucado de rapadura, cortava tudo as tarinhas assim ói, enchia uma mesinha dos pedacinhos de rapadura e um saco de farinha com uma lata dentro, agora eu sentava ali pra dar... entrava assim aquela fila de criança assim... que já andava... vinha a pé das Caatingas, chegava... ficava tudo na porta, já sabiam que a gente dava toda sexta feira... eles vinha... aí agora eu ia enchendo a latinha de farinha, uma lata assim... despejava num saquinho de um e pegava a tarinha assim e dava, aquele ia saindo, o outro entrava. Tinha era fila, toda sexta feira tinha essa fila pra mim dar rapadura e farinha esses meninos.³⁰

26 Daiane Martins, *Um Flagelo No Sertão Baiano: Cotidiano, Migração e Sobrevivência na Seca de 1932*. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010, p. 53.

27 Luis Henrique Dias Tavares, *História da Bahia*. Salvador, Correio da Bahia, 2000, p. 268.

28 Andrea Miranda Almeida Santos, *O Cotidiano, Memórias e Resistências das “Viúvas das Seca” de 1932, no Município de Miguel Calmon – Bahia*. Monografia (graduação em História), Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2014.

29 Erasmo da Silva Araujo. Nasceu em 10 de março de 1940 (81 anos) em Olhos d’Água do Seco (Bom Sucesso). Domiciliado na Rua Principal.S/N. Entrevista cedida a Nadira Alves no dia 03 de março de 2020 com duração de 48 minutos.

30 Dona Edite Barbosa Lopes (Ditinha) nasceu em Bom Sucesso (Ibitiara) em 1924, aposentada, domiciliada na Rua Antônio Barbosa s/n (rua esta que leva o nome do seu pai. Entrevista cedida à Nadira Alves no dia 10/03/20 com duração de 48 minutos.

Ibitiara (na época, Bom Sucesso) também foi devastado, causando a migração de muitos habitantes para outras regiões da Bahia, inclusive para o Oeste do Estado, principalmente para a região chamada Ribeira, compreendendo o município de Barreiras, São Desidério e outras cidades. Dona Maria Helena, uma das depoentes era criança na época, porém recordou que “Teve, teve fome... Esse povo de tio Chico, de Fel, foi esses tudo mudaram para a Ribeira”.³¹

Nesse período o então governador da Bahia, Juracy Magalhães, enviava alimentos para os municípios mais atingidos, porém isso não evitou a migração, inclusive para os estados de Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo. Outro depoente, Seu Erasmo diz que “meu padrinho não saiu não, mas os... a mãe dele... de meu pai... eles eram dez irmãos, saiu tudo... só ficou dois... foi tudo para Mato Grosso... perto de Mato Grosso... São Paulo, interior de São Paulo...”.³² Em Bom Sucesso, a alimentação mais consumida era a batata. Adalgisa Alves Xavier contava que a primeira palavra falada pelas crianças era “batata”.³³

As tristes lembranças da seca foram registradas em um livro de memórias escrito por Zizinha Barbosa, intitulado de “Lágrimas e Risos”. A autora ibitiarense relembra fatos de sua vida e da história de sua cidade, mostrando que além dos risos, as lágrimas se fizeram presentes em tempos de grandes desafios:

Em 1932, aconteceu uma grande crise de fome que se abateu em todos os arredores da vila. A “fome de 32” até hoje citada em prosa e versos como uma das piores tragédias que se abateu sobre os sertões. Os alimentos escassearam de tal forma, que muita gente sobreviveu comendo frutos assados de gravatá (planta do mato) com farinha de batata de umbuzeiro; tentavam enganar o estômago porque matar a fome mesmo não matava. Várias famílias deixaram suas casas à procura de melhora, mas deram mal, muito mal! Quanta gente morreu! Que tristeza ver corpos sendo sepultados envoltos em pedaços de esteiras por não ter outro recurso! A “causa mortis”, a fome, sempre a fome.³⁴

31 Dona Maria Helena nasceu em 24/11/1922 e faleceu em 11/05/2021. Foi Professora leiga em Ibitiara. Aposentou-se como Professora ainda na cidade. Entrevista cedida à Nadira Alves no dia 11/02/2020 com duração de 28 minutos.

32 Erasmo da Silva Araujo. Nasceu em 10 de março de 1940 (81 anos) em Olhos d' Água do Seco (Bom Sucesso). Domiciliado na Rua Principal. S/N. Entrevista cedida a Nadira Alves no dia 03 de março de 2020 com duração de 48 minutos.

33 Memórias da autora Nadira Alves relacionada à fala da avó Adalgisa Alves Xavier.

34 Zizinha Barbosa, *Lágrimas e risos*. Gráfica Livramento, 2006. Eufrosina Barbosa (Zizinha). Nasceu em 11 de junho de 1926, na Vila de Remédios que pertencia ao Município de Bom Sucesso (Ibitiara). Mas mudou-se para Bom Sucesso, ainda muito jovem. Estreia nas letras com o livro autobiográfico “Lágrimas e Risos”. Atualmente é aposentada pelo Ministério das Comunicações-Correio. Sua filha primogênita Marly Dias Barbosa Lopes na apresentação da obra referida fala acerca da sua mãe “ela é dessas pessoas que sempre nos surpreende, mas em momento algum nos passou pela cabeça que pudesse estar escrevendo algo, nem mesmo nas datas de ganhar presente: dia das Mães, Natal, Aniversário ela insinuava “...quero mesmo é ganhar um Aurélio (dicionário) .” Só agora eu entendo o porquê.

A fome deixou marcas indeléveis na vida dos depoentes, tanto os que vivenciaram, quanto aqueles que não sofreram o flagelo, mas que seus familiares lhes contaram. De acordo com a fala de Seu Erasmo houveram mortes no município:

É... Morreu gente de fome um senhor que veio lá de baixo... Lagoa de Dionísio. Naquele tempo não tinha Lagoa de Dionísio... tinha lá um pessoal... .. umas duas casas lá.... Um pessoa que morava lá... vinha desse lado de lá... passou aí e chegou perto do Tamboril ele morreu aí... não aguentou...³⁵

No que tange às lembranças tristes, Aurelino com apenas oito anos na época lembra que: “(...) foi tempo muito difícil, meu pai ainda era vivo, mas não tínhamos condição, passávamos necessidades, logo ele se suicidou e ai tudo piorou, ficamos sem nada só não morremos de fome porque cada filho foi morar com uma pessoa a troco de comida.”³⁶

Ademais, no âmbito econômico, não havia como movimentar uma melhoria de condições financeiras, então, quem possuía recursos permaneceu no vilarejo, alguns deles distribuíam alimento, a exemplo do que relata D. Maria Helena, criança na época:

Pai esse tempo tinha animais, cabra, farinha para vender... chegava o povo com fome... os meninos comia, panhando, mexia, comendo... mas ele dizia “pode deixar”... ele tinha animal... quando ia medir as farinhas dava o mesmo tanto... pra gente, pra gente ver o que era fome.³⁷

Dona Ditinha relembra também: “o povo ia lá oferecer coisa para pai comprar. Até máquina de mama... aquelas mulheres tinha as máquinas de mão e pelejava, pelejava, pelejava... vendia barato pai sem querer... se ele também pra sustentar a família dele e de todo mundo, né.”³⁸

35 Erasmo da Silva Araujo. Nasceu em 10 de março de 1940 (81 anos) em Olhos d' Água do Seco (Bom Sucesso). Domiciliado na Rua Principal. S/N. Entrevista cedida a Nadira Alves no dia 03 de março de 2020 com duração de 48 minutos.

36 Aurelino José de Almeida. Nasceu em 02 de setembro de 1924. Povoado de Macacos, Bom Sucesso (Ibitiara). Lavrador aposentado. Domiciliado em Ibitiara. Duração da entrevista: 30 minutos.

37 Dona Maria Helena nasceu em 24/11/1922 e faleceu em 11/05/2021. Foi Professora leiga em Ibitiara. Aposentou-se como Professora ainda na cidade. Entrevista cedida à Nadira Alves no dia 11/02/2020 com duração de 28 minutos.

38 Dona Edite Barbosa Lopes (Ditinha) nasceu em Bom Sucesso (Ibitiara) em 1924, aposentada, domiciliada na Rua Antônio Barbosa s/n (rua esta que leva o nome do seu pai. Entrevista cedida à Nadira Alves no dia 10/03/20 com duração de 48 minutos.

As dificuldades foram inúmeras e o medo era generalizado. Seu Basílio rememora “a vida era muito dura naquele tempo...”.³⁹ Enquanto Dona Cizinha relata sobre falas de sua mãe acerca dessas dificuldades:

Dessa fome falava! Isso aí mãe falava que meu avô que era o pai dela ia pra Olhos D’água da Areia buscar jatobá pros menininho Dessa fome falava! Isso ai mãe falava que meu avô que era o pai dela ia pra Olhos D’água da Areia buscar jatobá pros menininho tudo com fome. É uma fruta, tem lá, ali no Vão tem, no Olho D’água da Areia tem. Trazia pra comer a massa, aquilo é ruim, prega no céu da boca da gente, eu não gosto daquilo. E o caroço cozinhava pá fazer cuscuz pra dá pros pra dá pros menino comer, os menino tudo com fome ... Diz que era duas, tia Bia ela morava aqui, aqui era a casinha dela. Agora levou ela lá pra casa, ela chegou e ele quem contava essas coisas. Diz que ficou ela e essa outra. A outra chamava era [...] diz que comeu essa coisa do jatobá, comeu e fez o cuscuz do caroço, acho que essa coisa é até veneno, diz que lava em não sei quantas águas pra poder fazer o cuscuz e diz que uma morreu. Tia Bia diz que ficou ela e essa que morreu, diz que deu dor na boca do estômago. Dessa coisa que comeu, do cuscuz do caroço do jatobá. E agora diz que morreu, a menina morreu.⁴⁰

De acordo com o relato do Sr. Didi, sua família migrou para Barra da Estiva “por que tinha a fama de farinha, era terra de muita farinha, nois foi pra lá”.⁴¹ Assim como seu Didi, Dona Zizinha ressalta essa falta de farinha em Bom Sucesso. “O pessoal, dizem que ia pegar farinha... dizem, porque também... que ia pegar farinha em Lençóis, com jegue, com burro, qualquer animal pra não morrer de fome, né?”⁴² Apesar da família de seu Didi ter migrado para Barra da Estiva, enfrentaram percalços o depoente recorda: “Sofreu mais do que os que ficou aqui, Morreu foi muita gente lá, ficaram por lá. Era como dá certo, as vezes era o feijãozinho feijãozim mesmo, o arroz nesse tempo pode dizer que não conhecia. Arroz aqui nesse tempo era pra meus senhor”.⁴³ A alimentação em geral era muito pobre em nutrientes. O arroz era consumido por aqueles que

39 José Basílio Alves, Lavrador, nascido em 14 de junho de 1925 em Bom Sucesso (Ibitiara), falecido em 27 de março de 2021 ainda na referida cidade. Genitor da autora Nadira Maria. Entrevista cedida à Nadira Maria em 8 de março de 2020 com duração de duas horas.

40 Dona Cizinha, Idalcisa Francisca da Silva, nascida em Bom Sucesso (Ibitiara) em dois de agosto de 1938, ainda domiciliada na referida cidade em 2021. Entrevista concedida em 04 de maio de 2020 com duração de quarenta minutos.

41 Euclides Alves dos Anjos (Didi). Nasceu em Bom Sucesso em 05 de janeiro de 1925. (96 anos). Lavrador- aposentado. Domiciliado na Rua do Fogo. Entrevista concedida a Nadira Alves em 21-04 1920. Duração da entrevista.30 minutos.

42 Eufrosina Dias Barbosa nasceu na Vila dos Remédios (Bom Sucesso) em 11-05 1926. Aposentada. Domiciliada na Praça Vital Xavier Gomes. Entrevista cedida a Nadira Alves em 05- 03 -2020. Duração da entrevista 1h.43minutos

43 Euclides Alves dos Anjos (Didi). Nasceu em Bom Sucesso em 05 de janeiro de 1925. (96 anos). Lavrador- aposentado. Domiciliado na Rua do Fogo. Entrevista concedida a Nadira Alves em 21-04 1920. Duração da entrevista.30 minutos.

possuíam um poder econômico mais elevado.

Análise dos relatos orais a partir da reflexão de Gênero e aspectos da luta laboral

A escritora Carla Akotirene discute o conceito de interseccionalidade, termo que problematiza as diversas formas e atravessamentos de opressões sociais pensadas a partir do domínio ocidental e suas referências de seres humanos ideais, ou seja, a branquitude, a heterossexualidade, o masculino e a riqueza, por exemplo seriam direcionamentos de comportamentos na sociedade, por sua vez excluindo e categorizando as pessoas não brancas, não hetrossexuais, as mulheres e as classes menos abastadas.⁴⁴

Ao longo da construção social brasileira estas opressões foram se firmando e se entrecruzando, não havendo, portanto, hierarquia entre si, mas agravantes que tornaram a vivência de quem se encaixa em mais de um recorte a exemplo da mulher negra: além de informar gênero, oprimida pelo patriarcado, cuja referência é o poderio masculino, ela informa raça, negra, portanto, sofrendo as opressões ocasionadas pela noção de superioridade branca.

Por meio das falas das pessoas entrevistadas, é possível perceber que as mulheres passaram pela fase da seca de 32 de modo diferente dos homens. Mesmo entre as mulheres, as negras e/ou menos abastadas tiveram uma juventude mais difícil: vedações nos estudos, muito serviço laboral (ao passo que os meninos também laboravam, mas as características físicas sendo diferentes, inflige-se maior sofrimento às mulheres), vasta dedicação à religiosidade.

Principalmente as famílias com mais dinheiro direcionavam as mulheres para o casamento e o recato, já as mulheres menos ricas e/ou negras não passavam pelo mesmo olhar aprisionador, sendo assim vivenciaram uma trajetória com mais luta e mais atitude para impulsionar sua vivência.

Assim como outros depoentes, Sr. Erasmo cita que durante a seca havia um costume de religiosidade, hoje já extinto, que era rezar para chover, assim como assinala Nadir Xavier de Andrade, em seu livro “João Ninguém”, sobre as rezas em pedidos:

O pequeno número de mulheres ora enfileirado, ora amontoado em virtude do caminho íngreme, pedregoso e apertado, subia lentamente a ladeira do cruzeiro. [...] São Sebastião, mártir celeste, livrai-nos da fome, da peste e da

44 Carla Akotirene, *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

guerra, pedimos ao Senhor que dê chuva na Terra!⁴⁵

A autora relata ainda que o grupo era heterogêneo em relação às idades, as mulheres carregavam uma garrafa de água na cabeça para pedir por chuvas. A crença local ligada intimamente ao catolicismo, impregnado também de influências indígenas e africanas, era muito forte em relação aos pedidos religiosos acerca das preocupações com a chuva, pois ela traria o sustento das pessoas, garantindo sobrevivência e prosperidade. O que revelava um grande desespero pelas soluções ligadas ao místico, pois não havia socorro governamental nem comunitário no sertão.

Em entrevista, Dona Francina relatou que na sua alimentação básica só usava toicinho e sebo de gado. “Misturava o sebo do rim para comer. Já comi feijão só com sal, eu já comi, só com sal os caroços de feijão, menino, mas eu já passei coisa no mundo. Eu não sei contar grandeza onde tem necessidade não.”⁴⁶

Percebe-se através das falas, a exclusão social, bem como o acesso mínimo aos estudos, até mesmo para aqueles que os pais tinham uma condição econômica melhor não prosseguiram os estudos. Entretanto, através de parte das entrevistas com os depoentes, nota-se que no tocante à preocupação com a moralidade e recato das mulheres, as que possuíam condições econômicas mais baixas passaram por menores vedações, como Dona Francina em uma de suas falas revela:

Quando os reiseiros saía a gente acompanhava em todo lugar (inteligível) batia pandeiro, eu tinha pandeiro, eu batia quando os reiseiros chegava aí, que batia eu pegava o pandeiro não saía fora não e quando sair fora não tem quem acerta para cantar, é de ser no ritmo, nós cantava mui. O povo fica pom, pom e o povo tudo aí sentado, aí agora eu levantava pegava seja lá quem for, podia ser um menino e dançava, não pode desperdiçar toque.⁴⁷

Dona Fidelcina relata que, no seu tempo de criança, o qual atravessou o período da grande seca, não havia infância como na concepção atual (brincar, ler, etc.), pois seus pais não permitiam passar tempo ocioso, tendo que trabalhar nos serviços domésticos. Ela relata que:

45 Nadir Xavier de Andrade. *João Ninguém, uma história na Chapada*. Salvador. Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 1999, p. 14-15.

46 Francina Maria de Oliveira – parteira, lavradora (aposentada) a depoente teve dificuldades em relação ao ano do seu nascimento, assim como o local. Segundo relatos orais de moradores mais velhos do povoado de São Domingos (Ibitiara) que a depoente é domiciliada”. Dizem que ela tem mais de 100 anos de idade e nasceu no povoado chamado Catinga dos Anjos, que por ser bastante antigo, pode pertencer até a outro município. Entrevista cedida a Nadira Alves em 24-02 2020. Duração de 1h30 minutos.

47 Francina Maria de Oliveira – parteira, lavradora (aposentada) a depoente teve dificuldades em relação ao ano do seu nascimento, assim como o local. Segundo relatos orais de moradores mais velhos do povoado de São Domingos (Ibitiara) que a depoente é domiciliada”. Dizem que ela tem mais de 100 anos de idade e nasceu no povoado chamado Catinga dos Anjos, que por ser bastante antigo, pode pertencer até a outro município. Entrevista cedida a Nadira Alves em 24-02 2020. Duração de 1h30 minutos.

Eu não sei o que diabo é infância, Nadira. Quando eu era criança? Oh meu Deus, tem hora que eu lembro de umas coisas Nadira, e diacho, mas tá sem sentindo. A criançada vadiando nesse riacho, oh meu Deus, nós pintava o diacho. Nós drumia em um pedaço de coro de boi no chão, aquele monte de irmão tudo junto. Quando ia lavar as roupas, os homens tirava as roupas e ficava nu, e nós as mulher ia lavar essas roupa de algodão, e o coro de boi não sei se tu já viu como ele fica, ele vai enrolando as pontas, e logo gente mijava em riba e aquilo duro, era sofrido.⁴⁸

Assim como Dona Fidelcina, Dona Eufrozina (Zizinha) também não teve infância. Como diz:

Com uns dez anos eu comecei trabalhar garimpo por influêcia das outras, que ia, né? E as..o lugarejo pequeno eu ia ficar só, eu não ficava só, eu acompanhava. Ia também. Caminhava uma légua, duas a pé. É por isso que ainda tô forte,.. Minha senhora. já nasci trabalhando ... a gente trabalhava garimpo naquele tempo. Também era o que sobrevivia naquele tempo era o garimpo. Era todo mundo, era mulher, era menino, era tudo, a gente ia pro garimpo, era só botar o calumbé na cabeça, o paninho na cabeça e garimpo. Trabalhava, c, conforme a distância que era, chegava lá cavava o dia todo, tirava o cascalho, quando tinha água lavava lá mesmo, quando não tinha assim, já tinha aquelas latas de caçar o cascalho, só trazia o esmerilo, que chamava esmerilo, ai lavava, se desse ouro, desse, aquelas faisquinhas, né? Se desse, bom! E se não desse, o que é que ia fazer. (...). Era uma pinitência menina...⁴⁹

Nas lembranças de Dona Cizinha, a infância das crianças era: “Menino de pá trás também não tinha tempo de brincar não, era desde pequeno já era trabalhando. Desde quando a gente nasceu, fazer que nem uma mulher lá de Seabra que a gente foi num leilão. Ave Maria, minha filha! Eu, desde quando a gente nasceu, que guentou a enxada já foi trabalhando.”⁵⁰ Já D. Ditinha de família mais abastada, não trabalhava como as depoentes citadas anteriormente, pois ela rememora das brincadeiras de criança.

No que concerne às percepções de labor da época, o entendimento social principal era o de que, a prioridade para as famílias, não se centrava apenas a vivência, mas sobrevivência. Nesse sentido, crianças e adolescentes deveriam laborar ou em

48 Fidelcina Francisca dos Santos – Nasceu em de maio de 1927 no Povado Pau- Ferro (Bom Sucesso). Lavradora aposentada. Domiciliada no Pau Ferro (Ibitiara –Ba). Entrevista concedida a Nadira Alves no dia 07/05/2020. Duração:58 minutos.

49 Eufrosina Dias Barbosa nasceu na Vila dos Remédios (Bom Sucesso) em 11-05 1926. Aposentada. Domiciliada na Praça Vital Xavier Gomes. Entrevista cedida a Nadira Alves em 05- 03 -2020. Duração da entrevista 1h.43minutos

50 Dona Cizinha, Idalcisa Francisca da Silva, nascida em Bom Sucesso (Ibitiara) em dois de agosto de 1938, ainda domiciliada na referida cidade em 2021. Entrevista concedida em 04 de maio de 2020, com duração de quarenta minutos.

casa (grande maioria mulheres) ou na roça, na plantação ou outros tipos de serviços. As legislações da época não obrigavam a criança a frequentar a escola e não proibia expressamente o labor, de modo que na cultura ficou cristalizada a noção de que os jovens deveriam contribuir para a economia da família, já que se fazia necessário e os estudos ficavam à parte na vida das pessoas com menor acesso ao bem-estar econômico social.

Os relatos se mostram enfáticos nesta questão, os serviços e a lida diária era parte da vida da juventude da época a qual a família não detinha muitos recursos, isto mostra também a face política a nível nacional, onde a qualidade de vida social não era uma preocupação fundamental, de modo que o abismo segregacional era bastante aprofundado, culminando em uma desigualdade social extrema.

Alguns aspectos culturais de Ibitiara na década de 30

A construção do conceito de Nordeste é desenvolvida através de fatos históricos, aspectos culturais, costumes, influências populares, modos de ser e viver que se constituem marcadores da região, para além da visão de miséria e necessidade, como é visto regularmente, há uma riqueza de aspectos sociais que constituem a caracterização regional, segundo Albuquerque Junior. Ibitiara possui traços culturais marcantes como a religiosidade católica que fortemente influenciou os costumes populares através de missas, procissões, festejos, marcadores morais. As festas juninas com fogueiras eram tradicionais em várias ruas e povoados do município. Também existiram os famosos leilões, onde arrematavam-se mercadorias como frutas, bebidas, pipoca, bolos, bodes, uma diversidade de produtos, resultando sempre em festa dançante depois.

Para além das dificuldades relativas à fome durante a seca, a entrevistada Dona Francina relata algo marcante em sua vida: a dança. Durante o samba, enquanto a viola tocava, o sapateado se desenvolvia:

...quem tava sambando mandava (parte inteligível)... a viola no ponto de dançar de pena sapateado, aí nós sapateava e mãe era boa pra sapatear. Mãe sapateou e mãe sabia pisar no chão, o corpo dela era maneiro, nós só faz a parência dela, só a parência..., mas mãe sabia pisar no chão, qualquer toque que tocava eu que não tô aguentando mais. E um tal de viraramão, viramão⁵¹ todo

51 A dança chamada Vira Mão era feita em roda, geralmente de mãos dadas e cantava: “Ô vira mão, vira mão, todo mundo virou e eu não. Ô vira mão, vira mão, todo mundo virou e eu não, quem chegou aqui vai virando, quem chegou aqui vai virando.” Então as pessoas iam virando e trocando os pares com as mãos dadas. Pesquisa realizada pelo colaborador Iago de Oliveira Guimarães, Bacharel em Administração e graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual da Bahia, morador de Ibitiara em conversa com seu avô Odílio Alves de Oliveira de 83 anos, morador de Nos Convéns, povoado de Ibitiara. Seu Odílio relatou que já dançou com

mundo virou, saiu mão, é um batuque aí agora saia virando, fazia aquela roda.⁵²

Já a dança e música Chula, conforme ela conta, tem um compasso diferente do batuque que não tem uma regra específica.

É porque a chula é de um jeito tem compasso; e o batuque é de todo jeito tem regra não. Eu não sei cantar coco não. Ainda, tem o coco mas os coco eu não canto não, eu não sei cantar coco. O coco acontece de modo que uma pessoa fala e a outra responde. Dona Francina exemplificou uma dessas músicas, cujos versos são: “Eu vou me embora, os tauranuôo, é mentira eu não vou não, os tauranuôoo, ... sentou e caiu nos braços de teu amor e tu não viu..... Menino tu agradece os tauranuôo... deixa de muita vergonha, os taranaôo, morenaa, avoou e caiu nos braços de meu amor.⁵³

A mesma descreve o processo de criação das músicas como algo natural:

é inventado na hora; o que vem à boca sai, mas tem que ter as rimas. É inventado na hora, o que vem na boca sai, mas tem que ter as rimas. Nos Convéns todo dia de noite nós saia cantando nas casas É inventado na hora, o que vem na boca sai, mas tem que ter as rimas. Nos Convéns todo dia de noite nós saia cantando nas casas e no dia de Santo Reis que que fazia a festa, era um festão, ali nos Convéns, ne minha época era tudo, tinha um batuque que dizia assim: passarinho avoou na saia da mulher a mulher saía, ô mulher, ô mulher, ô mulher...ô mulher, ô mulher, passarinho avoou na saia da mulher, ô mulher, ô mulher... aí sacudia a saia e cantando, sacudindo a saia... ô mulher, ô mulher, passarinho avoou na saia da mulher.... Vocês estão me vendo assim, mas eu já fui chamada em lugar.⁵⁴

uma das entrevistadas, a Dona Francina.

52 Francina Maria de Oliveira – parteira, lavradora (aposentada) a depoente teve dificuldades em relação ao ano do seu nascimento, assim como o local. Segundo relatos orais de moradores mais velhos do povoado de São Domingos (Ibitiara) que a depoente é domiciliada”. Dizem que ela tem mais de 100 anos de idade e nasceu no povoado chamado Catinga dos Anjos, que por ser bastante antigo, pode pertencer até a outro município. Entrevista cedida a Nadira Alves em 24-02 2020. Duração de 1h30minutos.

53 Francina Maria de Oliveira – parteira, lavradora (aposentada) a depoente teve dificuldades em relação ao ano do seu nascimento, assim como o local. Segundo relatos orais de moradores mais velhos do povoado de São Domingos (Ibitiara) que a depoente é domiciliada”. Dizem que ela tem mais de 100 anos de idade e nasceu no povoado chamado Catinga dos Anjos, que por ser bastante antigo, pode pertencer até a outro município. Entrevista cedida a Nadira Alves em 24-02 2020. Duração de 1h30minutos.

54 Francina Maria de Oliveira – parteira, lavradora (aposentada) a depoente teve dificuldades em relação ao ano do seu nascimento, assim como o local. Segundo relatos orais de moradores mais velhos do povoado de São Domingos (Ibitiara) que a depoente é domiciliada”. Dizem que ela tem mais de 100 anos de idade e nasceu no povoado chamado Catinga dos Anjos, que por ser bastante antigo, pode pertencer até a outro município. Entrevista cedida a Nadira Alves em 24-02 2020. Duração de 1 :30.

Dona Francina ao proferir a frase “você estão me vendo assim, mas eu já fui chamada em lugar”, quis demonstrar que ela já foi alguém que contribuiu para a cultura do Município. Comparado à este depoimento, na obra de Ecléa Bosi⁵⁵ “Memória e sociedade”, existe um depoimento de Dona Brites, (paulista, professora, nasceu em 20 de setembro de 1903 e se considera garibaldina pois, nas suas palavras, o dia do seu aniversário foi o mesmo em que Garibaldi unificou a Itália) quem fala o seguinte: “Eu ainda guardo isso para ter uma memória viva de alguma coisa que possa servir alguém.” Percebe-se que as depoentes, têm algo em comum, a crítica à desvalorização dos idosos ao mesmo tempo em que indicam que por mais que suas histórias e conhecimentos não sejam valorizados por muitos, há quem seja sensível à importância e contribuição desses.

Considerações Finais

A partir das análises realizadas com os entrevistados sobre a Seca de 32, que atingiu vários municípios do sertão baiano, inclusive o de Bom Sucesso (atual Ibitiara), o flagelo provocou impactos econômicos, sociais e culturais na população.

Percebe-se que um fator marcante, durante a seca de 32, foi o processo migratório, que deixou marcas profundas nas memórias dos depoentes: a escassez de alimentos, como a farinha de mandioca, que era transportada em lombos de burro, jegue, e a inserção de alimentos exóticos, como a palma (cactus), bananinha de gravatá, jatobá, farinha de batata de umbuzeiro. Josué de Castro, em seu livro “Geografia da Fome”, discorre, de modo contundente, sobre esses hábitos alimentares:

Quando o sertanejo lança mão destes alimentos exóticos é que o martírio da seca já vai longe e que sua miséria já atingiu os limites de sua resistência orgânica. É a última etapa de sua permanência na terra desolada, antes de se fazer retirante e descer aos magotes, em busca de outras terras menos castigadas pela inclemência do clima.⁵⁶

Durante a pesquisa, acerca do período em estudo, houve carência de documentos

55 Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2ª ed. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 1987, p. 270.

56 Josué de Castro, *Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, p. 211.

da época, por isso embasou-se na proficuidade das memórias dos entrevistados, assim como registra Andrea Santos em seus escritos:

Em se tratando de um período distante, as fontes documentais revelaram-se escassas, sobretudo na localidade objeto principal do estudo, o município de Miguel Calmon. No entanto, foi no campo da oralidade onde encontramos uma profusão de riquezas de memórias e relatos sobre um evento natural que deixou marcas indeléveis sobre seus sobreviventes.⁵⁷

Observou-se um contraste social acentuado nos relatos dos entrevistados, pois, enquanto uma parte deles possuía melhor poder aquisitivo resultado de heranças históricas de terras conquistadas e doadas, de geração em geração, a partir dos domínios das terras brasileiras, desde o processo colonial. A maior parte dos entrevistados, no entanto, teve uma vida de dificuldades e muita luta para conseguir sobreviver e realizar a manutenção básica de vida.

Na presente pesquisa, Dona Cizinha, relata que as memórias foram transferidas para sua filha, quando jovem, no entanto não atingiram sua neta, por exemplo, que ficou a par de alguns conhecimentos durante a entrevista. “Não sei não. Mais Vitória hoje tá sabendo porque ela tá escutando, agora”.⁵⁸ Nota-se aqui, uma perda das memórias locais e importantes saberes que, pelas mudanças globais, a sociedade brasileira foi influenciada pela imposição dos conhecimentos acadêmicos e escolares ocidentais, sendo o saber científico racional tido como único válido.

Boaventura de Sousa Santos destaca em sua obra “A crítica da Razão Indolente”, o desperdício da experiência como princípio basilar dos saberes, sendo as memórias resultados de vivências, o que até mesmo gera desconforto nos idosos ao passar adiante suas lembranças, como se não fosse conhecimento relevante. A supervalorização da razão pura no sistema educacional brasileiro ainda se faz presente, deixando à margem os saberes culturais da diversidade intelectual mundial.⁵⁹

As memórias expostas no texto desvelam os saberes da história de Ibitiara, principalmente sobre a Seca de 32. Ficou evidente a importância do trabalho com registros das memórias sobre Ibitiara, pois elas contam a história de uma maneira que preserva a lembrança das vivências antigas que são preciosas para a riqueza histórica

57 Andrea Miranda Almeida Santos, *O Cotidiano, Memórias e Resistências das “Viúvas das Seca” de 1932, no Município de Miguel Calmon – Bahia*. Monografia (Graduação em História), Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2014, p. 39.

58 Dona Cizinha, Idalcisa Francisca da Silva, nascida em Bom Sucesso (Ibitiara) em dois de agosto de 1938, ainda domiciliada na referida cidade em 2021. Entrevista concedida em 04 de maio de 2020, com duração de quarenta minutos.

59 Boaventura de Sousa Santos, *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

e cultural da cidade. Espera-se que essas memórias possam ser utilizadas como fontes para futuras consultas acerca da história de Ibitiara, uma vez que há escassez documental e bibliográfica.